

Pacientes de fora prejudicam a rede de hospitais do DF

Brasília virou a capital dos excluídos, que trouxeram doenças que não existiam por aqui, como Chagas, esquistossomose e tuberculose

Dirigentes e profissionais de saúde afirmam que se a rede hospitalar do Distrito Federal fosse destinada somente ao atendimento dos seus moradores seria muito mais eficiente e certamente ocuparia o primeiro lugar no ranking brasileiro.

O grande número de pacientes que vêm das cidades do Entorno e do Nordeste, superlotam hospitais e pronto-socorros, dificultando um melhor atendimento no sistema de saúde no Distrito Federal.

“Como os municípios, principalmente de Goiás e de Minas Gerais, não investem em saúde, isso gera uma migração muito grande para cá e sobrecarrega nosso atendimento. Os

recursos repassados pelo Ministério da Saúde acabam sendo insuficientes para atender tanta gente. Se atendêssemos só o DF a situação seria bem melhor”, explica o secretário-adjunto de Saúde, Antônio Alves de Souza, ao comentar o relatório sobre o Desenvolvimento Humano, elaborado pela ONU em convênio com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Para o coordenador do Núcleo de Estudos Popacionais do governo do DF, Duval Fernandes, essa situação é agravada pelas prefeituras dos municípios vizinhos a Brasília. “Por um motivo ou outro, as prefeituras não investem na construção de hospitais. Preferem investir na compra

de ambulâncias e trazem seus doentes para cá”, diz.

De acordo com as estatísticas da Secretaria de Saúde de 30% a 40%, em média, dos atendimentos da rede pública são feitos a moradores de outros estados. “Brasília virou a capital dos excluídos e, na maioria das vezes, as condições de vida dessas pessoas que migraram para cá nos últimos anos são muito ruins. Estamos tratando doença de chagas, esquistossomose e tuberculose que não existem no DF e que foram trazidas por essas pessoas”, complementa Antônio de Souza.

PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Mesmo atendendo a pacientes de outros estados, a rede hospitalar do Distrito Federal tem um grande número de profissionais, se comparado a outros estados. Mas há uma distorção. Para o diretor-executivo da Fundação Hospitalar do DF, Márcio Horta, o número de médicos por habi-

tantes hoje está próximos de um médico para 225 habitantes, mas esse universo não está bem distribuído.

“A maior parte dos profissionais está no Plano Piloto, onde exatamente existe um número muito menor de pacientes do que nas cidades do DF”.

O médico e deputado Agnelo Queiroz (PC do B/DF) acredita que um dos principais problemas enfrentados pelo setor é o “estrangulamento” dos prontos-socorros. Segundo Antônio Souza, 70 a 80% dos atendimentos nos prontos-socorros não são emergenciais e prejudica o atendimento de quem realmente precisa.

Para solucionar isto, a Secretaria de Saúde inicia a partir de 1º de julho um projeto de reformulação do atendimento hospitalar. Uma das medidas será agilizar o atendimento reforçando os centros de saúde, que passarão a funcionar em horário prolongado, em alguns locais até às 22h e nos sábados e domingos.